

## A CRONOLOGIA DOS ESTUDOS SOBRE O EMPREENDEDORISMO

DOI: 1014211/regepe.v5i3.360

Artigo recebido em: 04/04/2016

Artigo aprovado em: 29/09/2016

*Jheine Oliveira Bessa Franco – Universidade Estadual de Maringá - UEM<sup>1</sup>*

*Josiane Barbosa Gouvêa – Universidade Estadual de Maringá - UEM<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo identificar, por meio da literatura acerca do tema, como o conceito sobre o empreendedorismo vem sendo utilizado pelos autores ao longo do tempo. Assim, por meio de uma pesquisa bibliográfica, buscou-se apontar os principais estudos desenvolvidos, onde levantou-se as definições de empreendedorismo de uma maneira cronológica com o intuito de identificar as abordagens do conceito. Assim, considerou-se as eras sobre o empreendedorismo e o indivíduo empreendedor de acordo com os conceitos Econômicos, das Ciências Sociais e dos Estudos Gerenciais. Verificou-se que a existência do indivíduo empreendedor é de longa data e trouxe contribuições significativas para a sociedade ao longo do tempo. No entanto, o seu estudo como campo de pesquisa é relativamente novo e vem se consolidando como componente multidisciplinar em virtude das diferentes raízes intelectuais das reflexões sobre empreendedor.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo; Conceito de Empreendedorismo; Cronologia.

## THE CHRONOLOGY OF STUDIES ON ENTREPRENEURSHIP

**Abstract:** This article aims to identify, by means of literature on the subject, how the authors have used the concept of entrepreneurship over time. Thus, through a bibliographical research, it was searched to point the main studies developed, where it was raised definitions of entrepreneurship in a chronological manner in order to identify the approaches of the concept. Thus, it was considered the ages about entrepreneurship and individual entrepreneur according to economic concepts, the social sciences and management studies. It was verified that the existence of the entrepreneurial individual is of long standing and has brought significant contributions to society over time. However, its study as a field of research is relatively new and has become as multidisciplinary component due to the different intellectual roots of reflections on entrepreneur.

**Keywords:** Entrepreneurship; Concept of Entrepreneurship; Chronology.

---

<sup>1</sup> E-mail: jheineobessa@gmail.com

<sup>2</sup> Endereço: Rua Taquari, 43, Bairro Tropical, Quatro Pontes – PR, CEP: 85940-000. E-mail: josidapper@hotmail.com

## Introdução

É comum o reconhecimento do empreendedorismo como a criação de uma nova empresa ou do negócio próprio. Contudo, apenas esta definição não basta para esclarecer o que é este fenômeno. Tanto o empreendedor quanto o próprio empreendedorismo foram caracterizados ao longo do tempo de várias maneiras e por diversos estudiosos, como afirmam Hébert e Link (1989, p. 41): "[...] o *empreendedor tem usado muitas faces e desempenhado muitos papéis* [...]".

Desta forma, o termo empreendedorismo obteve visibilidade, tornando-se objeto de estudos acadêmicos. Por ser um campo em construção ainda jovem, como afirma Landström (2005), as possibilidades de pesquisa são promissoras, pois seu conceito, definição e a delimitação de campo de estudo ainda são assuntos emergentes<sup>3</sup>.

De acordo com Filion (1999, p. 14), “definir o empreendedor é um desafio perpétuo, dada a ampla variedade de pontos de vista usados para estudar o fenômeno”. Assim, este artigo pretende identificar, por meio da literatura acerca do tema, como o conceito é utilizado pelos autores.

Para tanto, é necessário deixar claro que esta pesquisa está relacionada ao delineamento do campo de pesquisa do empreendedorismo e não ao fenômeno em si, como baliza Per Davidsson (2005, p.17): “[...] o empreendedorismo como domínio de pesquisa visa uma melhor compreensão do fenômeno que nós chamamos de empreendedorismo”.

Esta investigação tem como objetivo expor alguns dos diferentes conceitos existentes sobre o campo do empreendedorismo. Para a sua elaboração, utilizou-se a estratégia de pesquisa bibliográfica na qual realizou-se um levantamento de dados baseados em livros referentes ao assunto e em principais *journals* na área do empreendedorismo como: *Journal of Business Venturing*, *Journal of Economic Behavior & Organization*, *Academy of Management Review*, *Journal of Intellectual*

---

<sup>3</sup> Gartner (1989), Bygrave e Hofer (1991), Stewart (1991), Ucbasaran *et al.* (2001), Montanye (2006) reconhecem a dificuldade na definição do termo empreendedor e que demarcar seu limite é um impedimento para os estudos do empreendedorismo.

*Capital, Strategic Management Journal e Journal of Small Business, Small Business Economics, Revistas de Administração, periódicos e anais de eventos científicos.*

Como critérios para seleção dos estudos para o desenvolvimento deste artigo, buscou-se identificar os autores mais utilizados e conceituados dentro dos estudos de empreendedorismo, como: Venkataraman, Sarasvathy, Baron, Robert, Shane Filion, Gartner, Hisrich, Peters, Schumpeter, entre outros. Além disso, foi utilizado como critério, textos que apresentavam a conceituação do empreendedorismo desde suas primeiras definições até os dias atuais.

Desta forma, o presente artigo estrutura-se da seguinte maneira: inicialmente apresenta-se uma breve discussão em relação ao tema e sua origem. Na sequência, abordam-se os principais autores, suas perspectivas e visões a respeito do empreendedorismo, mostrando as características e diferenças do conceito ao longo do tempo. Ao final, são tecidas as conclusões da pesquisa.

### **Empreendedorismos: suas Raízes nas Diferentes Áreas do Conhecimento**

Empreendedor (*entrepreneur*) é uma palavra originalmente francesa que apareceu pela primeira vez em 1437. A definição mais comum usada na época era “*celui qui entreprend quelque chose*” e quer dizer aquele que se compromete com algo (LANDSTRÖM, 2005, p. 08). Não existe uma definição concisa e universalmente aceita, mas a tradução literal da palavra *entrepreneur* significa aquele que está entre ou intermediário (HIRSRICH; PETERS, 2009).

Observando ao longo do tempo, pode-se notar que os empreendedores contribuíram para o desenvolvimento da sociedade em que atuaram (BARON; SHANE, 2007). Hisrich e Peters (2009) afirmam que o termo já era usado desde a Idade Média para descrever tanto a pessoa que participava quanto a que gerenciava grandes projetos de produção (construção de castelos, fortes, etc.).

É no século XVII que a noção de risco é associada ao empreendedorismo, pois ao financiar contratos ou realizar serviços com o governo, o empreendedor assumia certo grau de risco. Só então no século XVIII e XIX, o termo empreendedor passa a assumir um caráter mais próximo de empresário (assume riscos), diferenciando-o do capitalista (dono de capital) (HIRSRICH; PETERS, 2009).

No entanto, as pesquisas relacionadas ao tema emergiram de forma significativa nas décadas de 1970 e 1980, reforçadas por fatores externos como, por exemplo, políticas públicas que contribuíram para que tal abordagem fosse difundida. Tem-se, desta forma, que o campo de pesquisa relacionado ao empreendedorismo é novo e está em processo de formatação (LANDSTRÖM; LORKE, 2010), verificando-se, principalmente nos anos 1980, sua expansão para diversas áreas de estudo das ciências humanas e gerenciais (FILION, 1999).

Devido a essas raízes em diversas áreas do conhecimento mais antigas<sup>4</sup>, para a compreensão e sustentação do termo empreendedorismo é necessário múltiplas abordagens. E é por essa multidisciplinaridade e a falta de limites do campo de estudo que não há uma definição concisa e amplamente aceita (BARON; SHANE, 2007; HISRICH; PETERS, 2009; BRUYAT; JULIEN, 2000).

Desta forma, percebe-se que o estudo do empreendedorismo está em constante aperfeiçoamento para a identificação das limitações do campo, o que o torna atraente para a realização de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. Assim, como forma de facilitar o estudo nesse assunto, os autores Stevenson e Jarillo (1990) delimitam a área do empreendedorismo através de uma classificação de três correntes principais:

QUADRO 1 - DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO DO EMPREENDEDORISMO

Áreas de estudo	Definição
O que acontece quando os empreendedores agem ( <i>what</i> )	Concentra-se nos resultados das ações empreendedoras, e não apenas no empreendedor ou em suas ações, formada por economistas.
Por que os empreendedores agem ( <i>why</i> )	Abordagem composta por psicólogos e sociólogos e fornece uma visão do empreendedor como indivíduo, as causas que o levam a agir e tendo como objeto de análise sua experiência, suas motivações, seu ambiente e seus valores.
E como os empreendedores agem ( <i>how</i> )	Esta corrente tem o foco na gestão empreendedora. Como os empreendedores, independentemente das razões pessoais, são capazes de alcançar seus objetivos, ou seja, quais são suas habilidades gerenciais e administrativas.

FONTE: Stevenson e Jarillo (1990, p. 18).

Assim como Stevenson e Jarillo (1990), Landström e Lohrke (2010) demarcam os estudos do empreendedorismo em três esferas denominadas de eras, nas quais algumas áreas do conhecimento específicas dominaram, como mostra a

<sup>4</sup> Devido à alta multidisciplinaridade do empreendedorismo, existe a tendência de emprestar conceitos de outras disciplinas como economia, psicologia e sociologia (LANDSTRÖM; LORKE, 2010).

Figura 1. Segundo esses pesquisadores, os primeiros estudos atribuíram ao empreendedorismo conceitos desenvolvidos em diferentes direções e áreas, o que tornou o campo de pesquisa altamente multidisciplinar. Assim, esta delimitação colabora para uma maior compreensão do campo (LANDSTRÖM; LOHRKE, 2010).



FONTE: Landström e Lohrke (2010, p. 20).

## Perspectivas Teóricas do Fenômeno Empreendedorismo

O empreendedorismo apresenta uma pluralidade de raízes científicas que oferecerem diversas definições, contudo, ainda está em desenvolvimento e em busca de um consenso "abrangente sobre o domínio do campo, seus limites, objetivos, áreas de foco ou base teórica" (SHANE, 2012, p. 12). Nesta perspectiva, buscou-se demonstrar o significado de cada era do pensamento empreendedor ilustradas (Figura 1) por Landström e Lohrke (2010).

### Era Econômica

Na Era Econômica, o interesse pelo empreendedorismo por parte dos economistas vem desde as abordagens "risco", "incertezas", "mudança e inovação", e ligação entre o empresário e a empresa (CASSIS; MINOGLU, 2005).

A *priori*, o empreendedorismo foi identificado pelos economistas como um elemento útil à compreensão do desenvolvimento (FILION, 1999). Seu termo ganhou um significado econômico mais preciso nas obras de Richard Cantillon (1680-1734), banqueiro e economista do século XVIII. A característica de sua análise era a ênfase no risco e na incerteza (LANDSTRÖM; LOHRKE, 2010).

Segundo Filion (2000), para Cantillon, o empreendedor era aquele que comprava matéria-prima por um preço certo, para revendê-la a um preço incerto. Além disso, seu interesse pelos empreendedores harmonizava-se com o ideário dos pensadores liberais da época que exigiam liberdade plena para que cada um pudesse tirar melhor proveito dos frutos do seu trabalho.

Nessa linha, Bruyat e Julien (2000, p. 167) afirmam que, para Cantillon, “O empreendedor é alguém que assume os riscos e pode legitimamente apropriar-se de qualquer lucro”. Esta descrição chamou a atenção de alguns autores franceses, entre eles os chamados fisiocratas, como Turgot e Baudeau, liderados por François Quesnay (1694-1774).

No século XIX, o economista francês Jean-Baptiste Say (1767-1832) diferenciava o empreendedor do capitalista. Segundo ele, os capitalistas eram os financiadores de investimentos e os empreendedores eram como investidores que inovavam, organizavam e coordenavam os meios de produção, assumindo os riscos ou incertezas com esta atividade (BRUYAT; JULIEN, 2000; FILION, 1999; LANDSTRÖM; LOHRKE, 2010). Filion (1999, p. 07) relaciona as visões de Cantillon e Say a respeito dos empreendedores: “[...] pessoas que corriam riscos, basicamente porque investiam seu próprio dinheiro”.

O risco e a incerteza foram temas abordados por Frank Knight (1885-1972). Ele fez uma distinção entre ambos e afirmou que, ao contrário do risco, a incerteza é onipresente e não pode ser conhecida. Por esse motivo, o lucro empresarial corresponderia precisamente à recompensa com os custos da incerteza, ou seja, o empreendedor espera que o lucro seja a recompensa por enfrentar estes fatores que não podem ser calculados (CASSON et. al, 2006; LANDSTRÖM; LOHRKE, 2010).

Schumpeter (1883-1950) destaca o empreendedor como agente no processo do desenvolvimento econômico: “chamamos ‘empreendimento’ a realização de combinações novas; chamamos ‘empresários’ aos indivíduos cuja função é realizá-las” (SCHUMPETER, 1997, p. 83). Apesar de o termo empreendedorismo vir de longa data, foi com as contribuições schumpeterianas no século XX que seu significado passou a ter uma associação à inovação<sup>5</sup>. De acordo

---

<sup>5</sup> Schumpeter fez uma diferenciação conceitual de invenção e inovação. A invenção está associada à criação de algo novo e a inovação está vinculada ao processo de criar um produto comercial a partir de uma invenção; ou seja, agregar valor a algo que já existe.

com Schumpeter o empreendedor cria imperfeições no mercado para introduzir inovações e são estas inovações que movem a economia (LANDSTRÖM; LOHRKE, 2010).

Na era da economia, o empreendedorismo além de ser considerado um fenômeno do desenvolvimento econômico, passou também a ser associado à inovação. Antes de Schumpeter, Clark (1899) já havia associado empreendedorismo à inovação, e depois de Schumpeter, outros economistas interessados no empreendedorismo, como Higgins (1959), Baumol (1968), Schloss (1968), Leibenstein (1978) também fizeram esta associação (FILION, 1999).

Baumol (1968) sugere duas divisões ao empreendedorismo que, segundo ele, são totalmente diferentes no conteúdo: os organizadores do negócio e o inovador. O primeiro se refere a alguém que pode criar, organizar e atuar em um novo negócio. Para ele não há nada de inovador nestas ações, mas sim uma especialização na administração do novo negócio. Esta perspectiva é a descrita pelos autores Turgot, Say, Knight e Kirzner, que identifica o empreendedor clássico (BRUYAT; JULIEN, 2000; FILION, 1999).

A segunda divisão é a do empreendedor como inovador, são aqueles que já sabem como administrar o negócio, mas precisam aprender a transformar as invenções e ideias em algo economicamente viável, inovando constantemente. Nesta visão, estão as características do empreendedor de Cantillon e Schumpeter (BRUYAT; JULIEN, 2000; FILION, 1999).

Para Kirzner (1983), a questão central do empreendedorismo é a descoberta de oportunidades geradas pelos desequilíbrios econômicos, ou seja, o empresário conhece ou reconhece coisas que outros não veem. Ainda de acordo com o mesmo autor, o empreendedor na verdade é uma pessoa que está sempre alerta às imperfeições do mercado e as verifica por meio de uma assimetria de informações. Com isso, o empreendedor tenta coordenar os recursos de forma mais eficiente para restabelecer o equilíbrio do mercado (HILLS; SHRADER, 1998; LANDSTRÖM; LOHRKE, 2010).

De forma sucinta, “o empreendedor de Schumpeter cria o desequilíbrio no mercado, enquanto o empreendedor de Kirzner identifica o desequilíbrio e age sobre ele” (LANDSTRÖM, 2005, p. 14). Kirzner segue a linha de Hayek que reflete sobre a

natureza do conhecimento e do processo de mercado como um processo de descoberta (CASSON et al., 2006).

Kirzner (1983) reuniu o papel dos empreendedores segundo teorias apresentadas por economistas. Tais papéis apresentam os indivíduos empreendedores como aqueles que assumem o risco. São: inovadores, arbitrários, coordenadores e organizadores, proporcionam liderança, exercem verdadeira vontade, agem como especuladores, empregadores, superintendentes ou gerentes, são fontes de informação e ficam atentos às oportunidades ainda ignoradas no mercado.

Bruyat e Julien (2000) citam as principais posições defendidas pelos economistas em relação ao empreendedor, que são: o empreendedor é uma pessoa que assume riscos e incertezas; organiza e coordena os fatores de produção e a visão de um agente inovador. Para Druker (2001) os economistas não conseguiram identificar as causas e características que tornam o empreendedorismo eficaz. Eles consideram o empreendedorismo como algo meta-econômico, ou seja, influência a economia, mas não faz parte dela.

Outra crítica está relacionada ao pensamento neoclássico da economia, pois despreza fatores culturais e comportamentais do indivíduo. Em outras palavras, os economistas não aceitam modelos não quantificáveis (CASSON et al., 2006). Segundo Fillion (1999), foi este o motivo que levou estudiosos a buscarem por respostas na visão comportamentalista para entender melhor a conduta do empreendedor.

## **Ciências Sociais**

A partir do século XX o empreendedorismo começou a se afastar das pesquisas em modelos econômicos e passou a ser campo de interesse de cientistas sociais, com contribuições advindas de várias áreas de conhecimentos. A principal justificativa para este fato se deu, pois a economia como disciplina era formalizada e com forte orientação matemática, dificultando incluir o empreendedor nestes modelos (LANDSTRÖM; LOHRKE, 2010). Além disso, como afirma Schumpeter

(1971, p. 45), uma explicação mais abrangente do fenômeno deveria “ser buscada também fora do grupo de fatores que são descritos pela teoria econômica”.

Um dos pesquisadores pioneiros nesta área foi Max Weber (1864-1920) e sua contribuição procurou explicar como sistemas sociais mudam de uma posição estável para outra, abrindo caminho para a exploração do papel do empreendedor nesta mudança. Em seu conceito de liderança carismática, o indivíduo, definido por Weber como dotado de carisma, é comparado por Landström ao empreendedor (LANDSTRÖM, 2005; LANDSTRÖM; LOHRKE, 2010).

A perspectiva sociológica considera o contexto em que os indivíduos estão inseridos em grupos sociais, suas experiências e como estas influenciam a escolha dos que empreendem. O importante não é apenas verificar os valores e aspirações do empreendedor, mas também a sociedade juntamente com suas instituições, pois estas apresentam forte influência sobre o empreendedor (CASSON et al., 2006; SELTISIKAS; LYBEREAS, 1996). Mas deve haver uma distinção, segundo Davidsson (2005), entre empreendedorismo como um fenômeno social e empreendedorismo como um domínio de pesquisa. Um dos motivos é que o empreendedorismo precisa ser estudado antes de seus resultados acontecerem.

Mais recentemente, Campos e Duarte (2013) exploraram a importância da dimensão social ou coletiva do trabalho do empreendedor, frente a representação tradicional, a qual o define como aquele que inova e que tem habilidade de antecipar situações. Assim: “a habilidade principal requerida do empreendedor não é a do visionário nem a do planejador, mas, sim, a do agenciador, do coordenador e do negociador de cooperação e colaboração” (CAMPOS; DUARTE, 2013, p. 21).

Na década de 1960 as pesquisas do empreendedorismo sobre o processo de modernização das sociedades perderam ímpeto, mas estudiosos de psicologia se interessam em entender o empreendedor como um indivíduo, iniciando os trabalhos sobre os traços essenciais e personalidade empreendedora<sup>6</sup> (LANDSTRÖM; LOHRKE, 2010).

---

<sup>6</sup> Apesar da psicologia não ser considerada uma área das Ciências Sociais ela está alocada nesta área, devido a seus estudos estarem focados no indivíduo, assim como os estudos de Schumpeter (1997), Max Weber (1982), considerados estudiosos da era das ciências sociais. Além disso, o período o qual compreende os estudos da psicologia, fazem parte do período que abrange a era das ciências sociais de acordo com Landström; Lohrke (2010).

Assim, nesse período, os pesquisadores da ciência comportamental tomaram para si as investigações no campo do empreendedorismo e assumiram como ponto de partida, segundo Landström (2008, p. 304), o seguinte questionamento: “por que alguns indivíduos tendem a começar seu próprio negócio enquanto outros não? A resposta foi: depende do fato de que alguns indivíduos têm certas qualidades que outros não têm”.

Nesta fase, os maiores influenciadores foram: McClelland (1961) e Collins e Moore (1964), e pode ser denominada como comportamental, pois se refere aos estudos das áreas da psicologia, sociologia, ou ainda, psicanálise e demais especialidades do comportamento humano (STEVENSON; JARILLO, 1990; FILION, 1999). O enfoque comportamental dá ênfase nas características do indivíduo para explicar o perfil do empreendedor, o que para os autores, foi de alguma forma “perdida” na análise econômica.

O conceito de empreendedorismo com uma abordagem centrada no indivíduo passou a ser estudado a partir de Schumpeter (1997), Max Weber (1982), McClelland (1972), sendo este último o autor que marca o início dos estudos do comportamento humano como ciência para o empreendedorismo.

McClelland (1972) afirmou que a motivação é um dos fatores que contribui para o crescimento econômico de uma nação. O autor identificou três maiores motivos que impactam o comportamento empreendedor: necessidade ou motivo de realização, no qual procurou abordar a busca de oportunidade e iniciativa do indivíduo além de características, tais como: predisposição ao risco moderado, persistência, comprometimento entre outras. O segundo motivo diz respeito à necessidade de afiliação onde são mencionados aspectos referentes ao planejamento, a busca por informações, estabelecimento de metas, planejamento e monitoramento sistemático. O terceiro conjunto está relacionado ao conceito de poder e associa os atributos de independência e autoconfiança, persuasão e rede de contatos.

Alguns pesquisadores, como Aldrich e Zimmer (1986) e Carroll e Mosakowski (1987), oferecem críticas a respeito das pesquisas sobre o papel da motivação no empreendedorismo, contudo não descartam seu valor na compreensão do processo empreendedor (SHANE; LOCKE; COLLINS, 2003). Para

contrapor essas críticas, Shane, Locke e Collins (2003)<sup>7</sup> assinalam diversas motivações que influenciam o processo de empreender. Para isso, assumem que a ação humana é resultado de fatores motivacionais e cognitivos. Fatores externos também são responsáveis pelo ato de empreender.

Baron e Ward (2004) relatam que é necessário investigar a natureza das estruturas de conhecimento dos empreendedores e os seus modos de pensamento para melhorar a compreensão dos fatores cognitivos que influenciam os principais aspectos do processo empreendedor. Shepherd, Williams e Patzelt (2015), considerando o viés cognitivo na tomada de decisão, mencionam que o excesso de confiança e otimismo do empreendedor são fatores-chave que contribuem para o sucesso ou fracasso do empreendimento.

O foco da literatura que aborda características psicológicas nas atividades empreendedoras está sobre a necessidade de realização do indivíduo, como afirma Rotter (1966), e depois desta, a que mais recebe atenção é a denominada como “*locus de controle*”. Esta perspectiva mostra que as pessoas possuidoras de *locus de controle interno* acreditam que suas ações (comportamento) interferem em seus resultados muito mais que o ambiente. Elas conseguem verificar este fato quando erram ou acertam em suas ações.

Nas palavras de Landström (2005, p. 298), “[...] uma pessoa acredita que a realização de um objetivo é dependente de seu próprio comportamento ou características individuais consideradas como controle interno”, mas se a pessoa acredita que esta realização é fruto de sorte ou fatores externos, esta possui o *locus de controle externo*.

Os pesquisadores que focam na área das ciências sociais associam o empreendedor a um ator social que influencia e é influenciado pela sociedade o qual faz parte. Além disso, nas pesquisas voltadas para a psicologia, eles buscam entender o comportamento do indivíduo empreendedor, procurando identificar os predicados ou as características que os distinguem do resto população.

---

<sup>7</sup> Artigo intitulado *Entrepreneurial Motivation* (2003).

## Estudos Gerenciais

Outro entendimento de uma nova dimensão surge nas pesquisas. A observação dos estudos agora é voltada para o “como” este empreendedor age (STEVENSON; JARILLO, 1990), ou seja, o comportamento gerencial do empreendedor.

Gartner (1985) sugere que os pesquisadores devem observar os empreendedores no processo de criação de organizações. Da mesma forma, Seltisikas e Lybereas (1996) deliberam que o empreendedorismo no gerenciamento de negócios tem seu foco principal em como pequenas empresas começam. Para Christensen, Ulhoi e Madsen (2002), o empreendedorismo é o cerne da criação de novas organizações.

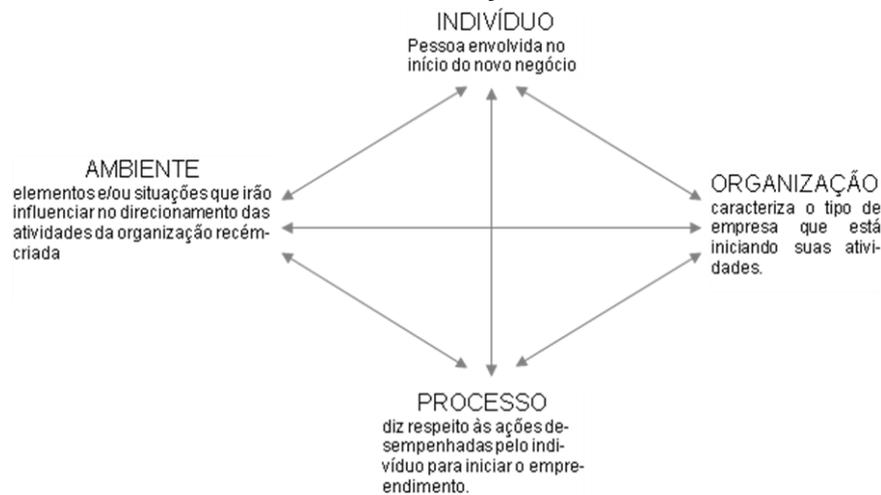
No mesmo sentido, Bygrave (1997) considera o empreendedorismo como a essência da livre organização em função do nascimento de novos negócios o que, na sua perspectiva, é responsável por gerar vitalidade ao mercado e permitir desenvolvimento econômico. Entretanto, Davidsson (2005) inclui que a pesquisa sobre empreendedorismo estuda não só a criação de novos negócios, como também o aparecimento de novos mercados.

Assim, Bruyat e Julien (2000) afirmam que atualmente duas tendências são discutidas em relação ao empreendedorismo. A primeira entende o empreendedor como sendo o indivíduo que cria e desenvolve novos negócios de qualquer natureza. A segunda tendência compreende o empreendedor como inovador que altera a economia de alguma forma. Estas distinções são apontadas por Hisrich e Peters (2009, p. 31) como a diferença de “inventor *versus* empreendedor”, sendo o primeiro alguém que se apaixona pela invenção e dificilmente a modificará para torná-la comercial, enquanto o empreendedor se apaixona pelo novo empreendimento e foca seus esforços para que este dê certo, ou seja, “os inventores curtem o processo de invenção, não o de implementação”.

Segundo Gartner (1985), existem vários tipos de empreendedores e empresas. Sendo assim, a abertura de um novo negócio é um fenômeno complexo e multidimensional que varia de acordo com o ambiente em que estão inseridos. O

autor salienta ainda que o processo empreendedor envolve quatro aspectos fundamentais, demonstrados através da Figura 2:

FIGURA 2 - ESTRUTURA PARA CRIAÇÃO DE UMA NOVA EMPRESA



FONTE: Gartner (1985, p. 698).

Em virtude de seu dinamismo, não se pode restringir o empreendedorismo a um fenômeno individual. É mais provável ser plural do que singular, ou seja, a atividade empreendedora reside não apenas em uma, mas em muitas pessoas (GARTNER et al., 1994). Porém, é preciso levar em conta diversos fatores externos envolvidos. “Ambiente geral e as relações, por exemplo, com a família, as redes e o papel dos modelos provenientes do meio, têm muita importância no desenvolvimento de cada empresa” (JULIEN, 2010, p. 17).

Nesse sentido, o autor considera a atividade empreendedora como uma ação coletiva e não apenas individual, ou seja, “essas diferentes influências fazem do empreendedor um ser plural e coletivo que se constrói aos poucos e determina as razões que levarão o indivíduo mais ou menos preparado a tornar-se um empreendedor” (JULIEN, 2010, p. 17).

Para Shane e Venkataraman (2000), o que se tem são definições aceitas pelos pesquisadores de forma geral. Com isso, os autores se manifestaram no sentido de demarcar o campo para os estudos do tema, caracterizando o fenômeno do empreendedorismo em três perguntas de pesquisa para diferentes campos de pesquisa: por que, quando e como: a) ocorre o processo de descoberta das oportunidades de criação de novas atividades econômicas; b) algumas pessoas e

não outras descobrem as oportunidades e as exploram; e c) diferentes modos de ação são utilizados para explorar as oportunidades empreendedoras.

Nessa linha, as pesquisas em empreendedorismo devem se adequar aos seguintes pressupostos:

- a) Abordagem de desequilíbrio deve ser usada na investigação: o modelo de equilíbrio não permite que as pessoas descubram oportunidades diferentes de outros indivíduos;
- b) O empreendedorismo não necessariamente requer, mas pode incluir, a criação de uma nova organização;
- c) Esta estruturação complementa trabalhos desenvolvidos por pesquisas sociológicas e econômicas, com o fim de examinar os fatores populacionais que influenciam a criação da firma;
- d) Complementa as pesquisas sobre criação de empresas, que foca na mobilização de recursos, na organização da empresa e na entrada no mercado.

O destaque da abordagem de Shane e Venkataraman (2000) relaciona-se com a existência de oportunidades:

[...] o empreendedorismo, como uma área de negócios, busca entender como surgem as oportunidades para criar algo novo (novos produtos ou serviços, novos mercados, novos processos de produção ou matérias-primas, novas formas de organizar as tecnologias existentes); como são descobertas ou criadas por indivíduos específicos que, a seguir, usam meios diversos para explorar ou desenvolver essas coisas novas, produzindo assim uma ampla gama de efeitos. (SHANE; VENKATARAMAN, 2000, p. 218).

A oportunidade se refere a uma série de condições externas comprovadamente favoráveis para identificação e exploração de novos negócios, ou seja, ela é fonte de inovação (DAVIDSSON, 2005; DRUCKER, 2001). Porém, apenas a identificação das oportunidades não basta para selecionar as melhores oportunidades para novos negócios. Essa identificação está entre as mais importantes habilidades de um empreendedor de sucesso (STEVENSON; ROBERTS; GROUBECK, 1985).

O contínuo aprimoramento dos conceitos em relação ao empreendedorismo pode ser identificado, entre outros fatores, através do surgimento de novas abordagens relacionadas ao processo empreendedor nos últimos anos. Para Baron e Shane (2007), o empreendedorismo pode ser visto como um conjunto de processos desenvolvidos através de fases específicas, porém relacionadas e não facilmente delimitadas ao longo do tempo.

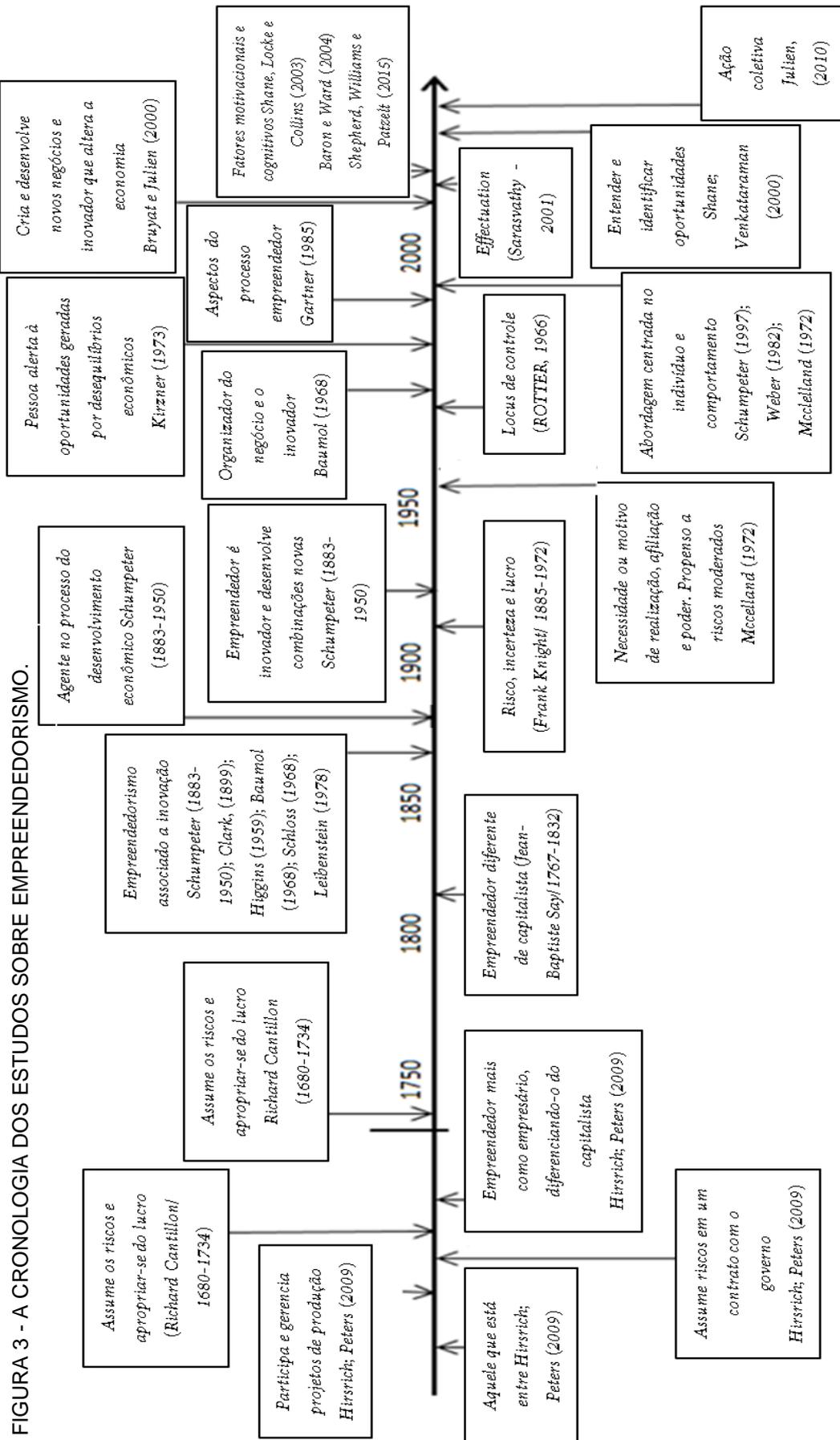
Dentre as novas abordagens, destaca-se a *effectuation* identificada por Sarasvathy (2001). Nesta abordagem, dois processos de tomada de decisão são identificados: o raciocínio causal, em que se tem um objetivo pré-determinado e um conjunto de meios para procurar a melhor forma de atingi-lo e a abordagem *effectual*, na qual ocorre o inverso, a partir de um conjunto de meios, é que surgem diferentes objetivos a serem alcançados, possibilitando a tomada de decisões em meio a um ambiente de incertezas. Esta última abordagem é normalmente utilizada nos estágios iniciais do processo.

Sarasvathy (2001) salienta que tanto o *causation* quanto o *effectuation* fazem parte do raciocínio humano e podem ocorrer simultaneamente, sobrepondo-se, entrelaçando-se um ao outro de acordo com os diferentes contextos de decisão e ação. A autora menciona a importância do efeito da vontade dos *stakeholders* na construção do empreendimento contribuindo, não apenas com recursos, mas também no refinamento da visão e oportunidade (SARASVATHY, 2008).

Os meios da abordagem *effectual* podem ser identificados através das seguintes combinações: o que o empreendedor é (suas características pessoais, gostos e preferências); o que ele conhece (educação, experiência, *expertise*); e quem ele conhece (redes sociais e profissionais). Estes fatores permitem que as metas surjam contingencialmente com o tempo, de imaginações e aspirações suas e de pessoas com quem interagem, sendo possível controlar eventos futuros ao invés de prevê-los (SARASVATHY, 2008). Em termos gerais, pode-se dizer que *effectuation* é o inverso de causalidade (SARASVATHY, 2001).

## Revisão Conceitual do Empreendedorismo

À luz das abordagens verificadas, buscou-se demonstrar na Figura 3, uma cronologia dos conceitos do empreendedorismo de acordo com as diferentes épocas nas definições de alguns dos principais autores.



FONTE: Os autores (2016).

Pode-se verificar que os estudos com tema relacionado ao empreendedorismo são vastos, existindo um amplo número de publicações sobre o assunto. Contudo, percebe-se que ao longo do tempo, os estudos desta área vão mostrando pontos de vista diferentes e que nem sempre se complementam.

As perspectivas em torno do empreendedorismo foram delineadas conceitualmente, começando com elementos identificados antes de 1750 até os conceitos mais atuais. Observou-se que as primeiras definições a respeito do assunto mostravam o empreendedor como um indivíduo que coordenava edificações, como um administrador que não corria riscos.

Segundo Hirsrich; Peters (2009, p. 28), "um típico empreendedor da Idade Média era o clérigo – a pessoa encarregada de obras arquitetônicas, como castelos e fortificações, prédios públicos, abadias e catedrais". Mas a partir do século XVII o risco é associado ao conceito do empreendedorismo e que nos séculos seguintes se aproxima da ideia de ação empresarial (HIRSRICH; PETERS, 2009). Constatou-se que o caminho percorrido pelo conceito inicialmente era de base econômica e ligado ao risco, lucro e inovação.

Apesar de o empreendedorismo ter suas origens no período medieval, foi no âmbito da industrialização que seu significado se desenvolveu. Foi um tempo de grandes mudanças, pois o trabalho, com inserção de tecnologias, passa a ser industrializado e não mais artesanal. Com tais mudanças, houve a necessidade de diferenciar o empreendedor e o capitalista, este último era quem financiava as invenções motivadas pela industrialização e desenvolvidas pelos empreendedores. Nesse sentido, a imagem do empreendedor já começa a ser vinculada a questões de inovação.

No início do século XX, as Ciências Sociais passam a contribuir nesta área com o apoio de pesquisadores, principalmente da área da psicologia e sociologia. Tais estudos cooperavam com ideias relacionadas ao comportamento do indivíduo, emergindo entendimentos relacionados à carisma, motivação, realização, independência, autoconfiança, cognição e *Locus* de Controle. É neste século que se estabeleceu a visão do empreendedor como inovador, no qual sua função seria de revolucionar o padrão de produção, criando um novo bem ou o reformulando (HIRSRICH; PETERS, 2009).

Foi na década de 70 que a intensidade nas pesquisas neste campo aumentou. Em meados da década de 80, a área de estudos tornou-se mais atrativa aos pesquisadores de diversas disciplinas, a ponto do empreendedorismo desenvolver um campo de pesquisa próprio. Esta foi uma época caracterizada por grandes mudanças econômicas e outras na sociedade. Foi um período de "destruição criativa", em que novas tecnologias foram ganhando espaço e as mudanças foram ocorrendo na estrutura industrial. Este cenário contribuiu para a noção do empreendedor relacionado à percepção e exploração de novas oportunidades.

Os estudos a respeito da ação empreendedora passam a atribuir ao empreendedor a responsabilidade pelas transformações no ambiente organizacional, possibilitando o progresso de novas tecnologias e também de novos procedimentos gerenciais colocados à disposição das organizações.

As contribuições multidisciplinares são os principais fatores para o desenvolvimento do empreendedorismo como campo de pesquisa. Mas esta diversidade de disciplinas dentro de uma mesma área do conhecimento também leva à falta de padronização de um conceito a respeito do empreendedorismo, dificultando a constituição de uma estrutura para um melhor entendimento do empreendedorismo.

## **Considerações Finais**

O objetivo deste artigo foi buscar uma identificação, através de estudos sobre o tema, de como o conceito sobre o empreendedorismo foi utilizado pelos autores ao longo do tempo, atraindo pesquisadores de diversas áreas – devido à sua abordagem multidisciplinar – a fim de que possa ser estruturado. Buscou-se com este estudo, não apenas limitar-se ao fenômeno em si, mas sim cooperar para um pensamento ampliado em torno do assunto no contexto de pesquisa, apresentando os conceitos desenvolvidos através do tempo e como eles foram sendo delineados

Através de uma revisão de literatura, foi possível verificar que a busca por um maior entendimento sobre o empreendedorismo ocorreu ao longo da história,

desde os primórdios, sendo visto sob diferentes aspectos. Desta forma, para entender o empreendedorismo, não basta entender o indivíduo empreendedor. Aspectos como organizações e ambiente também devem ser levados em consideração de acordo com os diferentes períodos de tempo. Percebe-se assim, que o empreendedorismo apresenta aspectos econômicos, psicossociais, gerenciais, históricos, entre outros, todos inter-relacionados e complementares, o que contribui para a afirmação de que o processo empreendedor não pode ser visto de maneira unidimensional.

Contudo, devido a esta multidisciplinaridade e interdisciplinaridade do fenômeno, apesar da relevância do tema e da vasta literatura disponível a respeito do assunto, não há um conceito científico específico, o que prejudica o refinamento dos estudos e a troca de conhecimento. Mas, apesar de não se poder ainda contar com uma definição específica em relação ao tema, já é possível deixar o senso comum, que induz a acreditar que o empreendedorismo restringe-se a criação de novos negócios e pensá-lo como um conjunto de práticas apropriadas para garantir a geração de riqueza e um melhor funcionamento àquelas sociedades que o apoiam e o praticam.

Como dito anteriormente, a pesquisa sobre empreendedorismo, por sua própria natureza, é um campo multi e interdisciplinar de investigação (incluindo, mas não limitado à perspectiva econômica, psicológica, sociológica, jurídica, política, geográfica). Além disso, o campo é explicitamente aberto e exige novas perspectivas, mais pesquisas e práticas que contribuam para a sua distinção e desenvolvimento.

Outros trabalhos já foram desenvolvidos sobre esta temática anteriormente. São os casos de Guimarães (2004) que buscou analisar a influência das correntes epistemológicas sobre os trabalhos do campo do empreendedorismo e Verga e Da Silva (2014) que, por meio de um ensaio teórico, buscaram identificar a evolução e reflexos do empreendedorismo nas pesquisas acadêmicas, como também na sociedade.

Assim, esta pesquisa avança em relação as anteriores, pois buscou detectar como o conceito sobre o empreendedorismo foi empregado por estudiosos, organizando-os de maneira cronológica para um melhor entendimento, evidenciando a diversidade dos pesquisadores e das vertentes envolvidas no campo. Além disso,

---

FRANCO, J. O. B.; GOUVÊA, J. B. A cronologia dos estudos sobre o empreendedorismo. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.5, n.3, 2016.

a sistematização em uma estrutura cronológica se concretiza por meio de um *roadmap* do campo e permite distinguir a ordem de ocorrência dos fatos, o que facilita futuras pesquisas.

### Referências:

ALDRICH, H. Z.; ZIMMER, C. Entrepreneurship through social networks. In: SEXTON, D.; SMILAR, R. (Eds.). **The Art and Science of Entrepreneurship**. New York: Ballinger, 1986. p. 3-23.

BARON, R. A.; SHANE, S. A. **Empreendedorismo: uma visão do processo**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

BARON, R. A.; WARD, T. B. Expanding entrepreneurial cognition's toolbox: potential contributions from the field of cognitive science. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 28, n. 6, p. 553-574, 2004.

BAUMOL, W. J. Entrepreneurship in Economic Theory. **The American Economic Review**, v. 58, n. 2, p. 64-71, 1968.

BRUYAT, C.; JULIAN, P. Defining the field of research in entrepreneurship. **Journal of Business Venturing**, v. 16, p. 165-180, 2000.

BYGRAVE, W. D. The entrepreneurial process. In: BYGRAVE, W. D. (Ed.) **The portable MBA in entrepreneurship**. New York: John Wiley & Sons, 1997. p. 1- 26.

CAMPOS, N. A.; DUARTE, F. J. da C. M. A dimensão social da atividade empreendedora. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 16, n. SPE, p. 13-23, 2013.

CARROLL, G. R.; MOSAKOWSKI, E. The career dynamics of self-employment. **Administrative Science Quarterly**, v. 32, p. 570-589, 1987.

CASSIS, Y.; MINOGLU, I. P. **Entrepreneurship in Theory and History**. New York: Palgrave, 2005.

CASSON, M.; YEUNG, B.; BASU, A.; WADESON, N. **The oxford handbook of entrepreneurship**. Oxford University Press, 2006.

CHRISTENSEN, P. V; ULHOI, J. P; MADSEN, H. **The entrepreneurial process in a dynamic network perspective: A review and future directions for research**. Copenhagen: The Aarhus school of business, 2002.

DAVIDSSON, P. **Researching entrepreneurship**. New York: Spring Verlag, 2005.

DRUCKER, P. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Thomson, 2001.

FILION, L. J. O empreendedorismo como tema de estudos superiores. In: **Empreendedorismo: ciência, técnica e arte**. Brasília: CNI/IEL, 2000. p. 13-42.

\_\_\_\_\_. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários - gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, v. 3, n. 2, p. 05-28, 1999.

GARTNER, W. B. A conceptual framework for describing the phenomenon of new venture creation. **Academy of Management Review**, v. 10, n. 4, p. 696-706, 1985.

GARTNER, W. B.; SHAVER, K. G.; GATEWOOD, E.; KATZ, J. A. Finding the entrepreneur in entrepreneurship. **Entrepreneurship Theory and Practice**. v. 18, p. 5-9, 1994.

GUIMARÃES, T. B. C. Análise epistemológica do campo do empreendedorismo. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 28, 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2004.

HÉBERT, R. F.; LINK, A. N. In search of the meaning of entrepreneurship. **Small Business Economics**, v. 1, n. 1, p. 39-49, 1989.

HILLS, G. E.; SHRADER, R. C. Successful entrepreneurs insights into opportunity recognition. **Frontiers of Entrepreneurship Research**, v. 18, p. 30-41, 1998.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. **Empreendedorismo**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

JULIEN, P. A. **Empreendedorismo regional a economia do conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 2010.

KIRZNER, I. M. **Perception, Opportunity and Profit: Studies in the Theory of Entrepreneurship**. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

LANDSTRÖN, H. **Pioneers in entrepreneurship and small business research**. New York: Springer Science, 2005.

\_\_\_\_\_. Entrepreneurship research: A missing link in our understanding of the knowledge economy. **Journal of Intellectual Capital**, v. 9, n. 2, p. 301-322, 2008.

LANDSTRÖN, H.; LOHRKE, F. **Historical foundations of entrepreneurship research**. Great Britain: Edward Elgar Publishing, 2010.

MCCLELLAND, D. C. **A sociedade competitiva: realização e progresso social**. Rio de Janeiro: Expansão e Cultura, 1972.

ROTTER, J. B. Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. **Psychological Monographs**, v. 80, n. 1, p. 1-28, 1966.

---

FRANCO, J. O. B.; GOUVÊA, J. B. A cronologia dos estudos sobre o empreendedorismo. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.5, n.3, 2016.

SARASVATHY, S. Causation and effectuation: Toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency. **Academy of Management Review**, v. 26, n. 2, p. 243-263, 2001.

\_\_\_\_\_. **Effectuation**: elements of entrepreneurial expertise. Cheltenham: Edward Elgar Publishing Limited, 2008.

SCHUMPETER, J. A. **The fundamental phenomenon of economic development**. New York: The free Press, 1971.

\_\_\_\_\_. **A Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SELTISIKAS, P.; LYBEREAS, T. The culture of entrepreneurship: towards a relational perspective. **Journal of Small Business and Entrepreneurship**, v. 13, n. 2, p. 25-36, 1996.

SHANE, S. Delivering on the promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of Management Review**, v. 37, 10-20, 2012.

SHANE, S.; LOCKE, E. A.; COLLINS, C. J. Entrepreneurial motivation. **Human Resource Management Review**, v. 13, n. 2, p. 257-279, 2003.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of Management Review**, v. 25, n. 1, p. 217-226, 2000.

SHEPHERD, D. A.; WILLIAMS, T. A.; PATZELT, H. Thinking about entrepreneurial decision making review and research agenda. **Journal of Management**, v. 41, n. 1, p. 11-46, 2015.

STEVENSON, H. H.; ROBERTS, M. J.; GROUBECK, H. I. **New Business Ventures and the Entrepreneur**. Irwin, Homewood, 1985.

STEVENSON, H. H.; JARILLO, J. C. A paradigm of entrepreneurship: entrepreneurial management. **Strategic Management Journal**, v. 11, n. 5, p. 17-27, 1990.

VERGA, E.; DA SILVA, L. F. S. Empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 3, p. 3-30, 2014.